

DESENVOLVIMENTO COMBINADO E DESIGUAL



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

MARCELO KNOBEL

Coordenadora Geral da Universidade

TERESA DIB ZAMBON ATVARS



Conselho Editorial

Presidente

MÁRCIA ABREU

ANA CAROLINA DE MOURA DELFIM MACIEL – EUCLIDES DE MESQUITA NETO

MÁRCIO BARRETO – MARCOS STEFANI

MARIA INÊS PETRUCCI ROSA – OSVALDO NOVAIS DE OLIVEIRA JR.

RODRIGO LANNA FRANCO DA SILVEIRA – VERA NISAKA SOLFERINI

COLETIVO DE PESQUISA DE WARWICK
(WREC – WARWICK RESEARCH COLLECTIVE)

Organização

*Desenvolvimento
combinado e desigual*

Por uma nova teoria da
literatura-mundial

TRADUÇÃO

Gabriela Beduschi Zanfelice

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO
Bibliotecária: Maria Lúcia Nery Dutra de Castro – CRB-8ª / 1724

D457 Desenvolvimento combinado e desigual: por uma nova teoria da literatura-mundial / organização: Coletivo de Pesquisa de Warwick (WReC – Warwick Research Collective); tradução: Gabriela Beduschi Zanfelice. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020.

1. Literatura – História e crítica. 2. Teoria literária. 3. Literatura comparada. I. Coletivo de Pesquisa de Warwick (WReC – Warwick Research Collective). II. Zanfelice, Gabriela Beduschi.

CDD – 809
– 801.95
– 809

ISBN 978-65-86253-29-0

Título original: *Combined and Uneven Development - Towards a New Theory of World-Literature*
Esta tradução é publicada por acordo com a Liverpool University Press, editora da edição inglesa.

Copyright © WReC – Warwick Research Collective
Copyright © 2020 by Editora da Unicamp

As opiniões, hipóteses, conclusões e recomendações expressas neste material são de responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a visão da Editora da Unicamp.

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização, por escrito, dos detentores dos direitos.

Printed in Brazil.
Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados à

Editora da Unicamp
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3º andar
Campus Unicamp
CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil
Tel.: (19) 3521-7718 / 7728
www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

A periferia é onde o futuro se revela.

J. G. Ballard

SUMÁRIO

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA	9
NOTA SOBRE O MÉTODO COLABORATIVO	15
1. LITERATURA-MUNDIAL NO CONTEXTO DO DESENVOLVIMENTO COMBINADO E DESIGUAL	17
2. A QUESTÃO DO REALISMO PERIFÉRICO	97
3. “IRREALISMO” EM <i>TEMPO DE MIGRAR PARA O NORTE</i> DE TAYEB SALIH	151
4. ESPECTROS DE <i>OBORONTEN</i> : LICANTROPIA, NEOLIBERALISMO E NOVA RÚSSIA EM VICTOR PELEVIN	175
5. A PERIFERIA LITERÁRIA EUROPEIA	207
6. IVAN VLADISLAVIC: ATRAVESSANDO A CIDADE DESIGUAL	253
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	295
ÍNDICE REMISSIVO	329

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA

Desenvolvimento combinado e desigual: Por uma nova teoria da literatura-mundial constitui um ensaio que por diversas razões marca um ponto de viragem nos campos de estudo sobre literatura comparada, teoria pós-colonial e literatura-mundial. Entre vários aspectos que sugerem essa singularidade é importante salientar aqui aqueles que julgamos serem os mais significativos para o contexto dos estudos literários no Brasil e mais em geral com relação às produções críticas em língua portuguesa sobre literatura comparada, literatura-mundial e estudos pós-coloniais.

Em primeiro lugar sobressai uma dimensão metodológica singular que diz respeito ao trabalho colaborativo promovido pelo Coletivo de Pesquisa da Universidade de Warwick [Warwick Research Collective – WReC], que assina a autoria do ensaio. Em áreas marcadas por individualismos cada vez mais acerbados, na pesquisa bem como na produção crítica, o surgimento de um ensaio em que os autores que integram o WReC abdicam de sua autoria individual promovendo a criação de uma linha autoral coletiva constitui, sem dúvida, um aspecto metodológico significativo e de evidente originalidade, cujas implicações para o campo dos estudos literários nos parecem paradigmáticas. Aliás, a opção coletiva promovida pelo grupo de Warwick na escritura de um trabalho sobre novos rumos da literatura mundial nos parece, em primeiro lugar, uma resposta coerente e sintomática ao objetivo teórico que

o livro pretende alcançar. Por outras palavras, como responder a um projeto intelectual tão ambicioso e desafiador senão através de um método colaborativo? Para além disso, a originalidade desta proposta coletiva chama também a atenção para implicações maiores, que extravasam o campo dos estudos literários, bem como da literatura comparada ou da teoria pós-colonial onde o ensaio em rigor se situa, apontando para a necessidade e a urgência de iniciativas e respostas coletivas – globais, mundiais, planetárias – aos impasses e desafios que marcam o mundo em que vivemos.

Em segundo lugar, é preciso destacar uma discussão teórica de elevada sofisticação e atualidade sobretudo no que diz respeito aos mais recentes desenvolvimentos dos debates críticos em torno das transformações da literatura e da crítica literária. A discussão proposta pelo WReC, sobretudo nos primeiros dois capítulos do ensaio – “Literatura-mundial no contexto do desenvolvimento combinado e desigual” e “A questão do realismo periférico” –, mas que se desdobra também nas leituras críticas de autores e obras abordados nos restantes quatro capítulos,¹ convoca a questões primordiais no âmbito da reflexão teórica nos campos da literatura comparada e da literatura mundial hoje. Analisando os debates e autores de referência no que diz respeito ao campo da literatura mundial e da crise da disciplina – David Damrosch, Franco Moretti, Pascal Casanova, Gayatri C. Spivak, Thomas Docherty, Emily Apter, entre outros –, a reflexão que pauta o primeiro capítulo apresenta uma discussão sofisticada e exaustiva da área dos estudos literários anglófonos – a partir do ensaio pioneiro de Raymond Williams – e seu desdobramento no campo crítico da literatura

¹ Capítulo 3: “‘Irrealismo’ em *Tempo de migrar para o Norte* de Tayeb Salih”; Capítulo 4: “Espectros de *oboronten*: Licantropia, neoliberalismo e nova Rússia em Victor Pelevin”; Capítulo 5: “A periferia literária europeia”; Capítulo 6: “Ivan Vladislavic: Atravessando a cidade desigual”.

comparada, tendo em seu horizonte “o problema da ‘literatura mundial’, considerada como uma categoria de questionamento teórico revivida, através das implicações literário-culturais da teoria do desenvolvimento combinado e desigual” (WReC, 2020). Em vista de uma definição criticamente precisa das categorias que orientam a proposta do WReC, o ensaio se desdobra aqui num percurso de aprofundamento conceitual cujo objetivo é evidenciar as potencialidades da teorização produzida por Trotsky sobre o desenvolvimento combinado e desigual, bem como as reflexões em torno do sistema-mundial apresentadas por Braudel e Wallerstein, na perspectiva de pressupostos críticos centrais para a definição da categoria de *literatura-mundial*, isto é: “a literatura do sistema-mundial capitalista moderno” (WReC, 2020). Vale salientar a este propósito um aprofundamento ulterior – e que de certa forma antecipa o quadro conceitual que pauta o segundo capítulo sobre realismo periférico, bem como as restantes partes do livro – acerca da categoria de *modernidade singular* em que as propostas teóricas desenvolvidas por Fredric Jameson e Harry Harootunian sobressaem como matriciais para *des-pensar* e *dispensar* [*unthink*], isto é, *reconceitualizar* a matriz eurocêntrica do conceito de modernidade, bem como seus desdobramentos pós-coloniais – as modernidades alternativas –, reorientando o significado das categorias de *centro* e *periferia* e, logo, sua validade crítica e conceitual para enquadrar a relação entre sistema capitalista mundial e sistema literário. É, aliás, no segundo capítulo do ensaio que o percurso teórico aprofunda suas reflexões no campo literário propriamente dito e as constelações teóricas previamente discutidas se desdobram em categorias conceituais que são aqui mais analiticamente situadas. A partir da premissa de que a literatura-mundial é uma criatura da modernidade (WReC, 2020), o percurso proposto nesse capítulo se desenvolve em torno de problemáticas de matriz mais abertamente historiográfica e morfológica, convocando as propostas formuladas

por teóricos como Franco Moretti e Roberto Schwarz e tendo no horizonte uma problematização das tensões entre escritas modernistas e realistas, em articulação com as noções de *centro*, *periferia* e *semiperiferia*. Trata-se, em suma, de uma reflexão mais evidentemente alicerçada no campo da literatura comparada e dos estudos literários que, apontando para “uma afinidade eletiva entre a(s) situação(ões) geral(is) da perifericidade e a estética irrealista” (WReC, 2020), apresenta um conjunto de reflexões críticas centrais para redefinir as categorias formais das escritas literárias, seus significados políticos e, logo, suas modalidades de *registro* do político e do social no bojo das relações estabelecidas pelo sistema capitalista mundial, uno e desigual.

Após esses dois primeiros capítulos que, como já sublinhamos, parecem responder a questões de caráter mais proeminentemente teórico e conceitual, é nos capítulos do ensaio dedicados às obras literárias de Tayeb Salih, Victor Pelevin, Peter Pist’anek, Pio Baroja, Halldór Laxness, James Kelman e Ivan Vladislavic que os pressupostos teóricos previamente discutidos se tornam ainda mais evidentes e, sobretudo, a definição de literatura-mundial como uma categoria analítica, não centrada em julgamentos estéticos (WReC, 2020), evidencia sua pertinência, sua potência e sua validade numa dimensão crítico-interpretativa. Aliás, a escolha desse *corpus* formado por autores, tradições e geografias heterogêneas e distintas, em que a forma romance é escolhida por sua dimensão paradigmática e não meramente exemplar, parece constituir mais uma resposta coerente e sintomática aos pressupostos que determinam o surgimento da categoria literatura-mundial e, por conseguinte, à prática da literatura comparada como espelho do mundo (Moretti, 2013b). Na impossibilidade de discutir aqui as diversas leituras que integram o ensaio, é importante salientar, por um lado, sua variedade em termos de objetos de estudos e argumentação teórica e, por outro, sua dimensão orgânica e

contrapontual no que diz respeito aos quadros críticos que orientam a proposta nele desenvolvida.² Portanto, as obras dos autores analisados nesses quatro capítulos se configuram como pontos de partida – *Ansatzpunkte*, como haveria de dizer Erich Auerbach (1969) –, evidenciando as potencialidades de um conjunto de leituras interpretativas que, a partir de um elemento circunscrito, são capazes de se irradiar por territórios que se situam muito além do espaço que esse mesmo elemento originalmente ocupa, apontando para solicitações e desdobramentos metodológicos de grande pertinência no campo da crítica literária contemporânea.

Por fim, cabe sem dúvida reiterar a importância do contributo contido neste trabalho para discutir e pensar a literatura comparada hoje em dia no Brasil e nos demais contextos de língua portuguesa; um livro que indicia novos rumos para pensar a literatura e a crítica à luz dos desafios que marcam o presente, insistindo de forma aguda e singular nos gestos de ressignificação e reorientação da prática crítica no âmbito dos estudos literários e, logo, da mesma literatura comparada em diversas geografias e diversos contextos acadêmicos e institucionais.

² Cabe aqui frisar um aspecto metodológico relevante que se prende à utilização, na versão original do ensaio, de textos teóricos e literários em tradução inglesa. Por razões de coerência essa opção foi mantida na edição brasileira. A questão da tradução é fundamental para pensar a literatura-mundial e é abordada diretamente neste livro. A mera substituição de uma língua por outra, neste caso, o inglês pelo português, nunca é mais que um atalho conceitual, assim como a escolha de qualquer tradução implica sempre uma pletera de opções: por exemplo, qual a tradução a escolher, a mais acessível, ou a que se apresenta como mais literal? Ou ainda a que melhor capta um certo tom do original, embora adaptado para um contexto social, econômico, político diferente? Para os leitores interessados em aprofundar essas questões, o campo de estudos de tradução oferece um grande leque de perspectivas, das quais sublinhamos como simples sugestão o trabalho de Emily Apter, em *Against world literature: On the politics of untranslatability* (London, Verso, 2013).

A publicação desta obra em português é fruto do trabalho do Kaliban – Centro de Pesquisa em Estudos Pós-Coloniais e Literatura Mundial da Unicamp. Ele tem entre seus principais objetivos a publicação em língua portuguesa de ensaios de referência no campo da literatura comparada com particular enfoque nas áreas da teoria pós-colonial e da literatura-mundial, através de duas estratégias distintas: por um lado, a tradução de ensaios publicados no exterior em línguas estrangeiras, tornando acessíveis os debates críticos e as teorizações que pautam esses campos do saber em diversos contextos geográficos, linguísticos e institucionais; por outro lado, a publicação de ensaios originais em língua portuguesa, com o intuito de apresentar reflexões e teorizações que marcam esses campos do saber nos diversos contextos de língua oficial portuguesa. Em ambos os casos, o objetivo primordial é contribuir para o fortalecimento de um diálogo acadêmico que possa ultrapassar as ainda persistentes fronteiras – disciplinares, geográficas, institucionais, linguísticas – que pautam a pesquisa no âmbito das humanidades, promovendo convivências intelectuais para além de limitações linguísticas e nacionais, em busca de gramáticas críticas partilhadas e capazes de compreender e responder aos desafios do presente.

Elena Brugioni, Universidade Estadual de Campinas
Alfredo Cesar Melo, Universidade Estadual de Campinas
Paulo de Medeiros, Universidade de Warwick

NOTA SOBRE O MÉTODO COLABORATIVO

Este livro é fruto de intensa discussão e debate. Embora nossas especialidades individuais variem amplamente, desde os estudos pós-coloniais e os estudos norte-americanos até os estudos literários europeus e escoceses modernos, somos motivados pela convicção comum de que os paradigmas de análise literária existentes, em qualquer campo, não equivalem ao desafio de teorizar a “literatura-mundial” no novo milênio. Com o histórico comum de lecionarmos juntos como nosso ponto de partida, além de coorganizarmos grupos de leitura, conferências e simpósios, abordamos a tarefa da escrita não apenas a partir de determinações e interesses teóricos compartilhados, mas a partir das já extensivas conversas sobre os problemas centrais, tal como os víamos, de nossos respectivos subcampos disciplinares e do campo emergente dos estudos de literatura-mundial.

Dito isso, o processo de colaboração nunca deve ser confundido com uma reconciliação harmoniosa das diferenças. Muitas de nossas discordâncias e ênfases divergentes se encontram sedimentadas neste trabalho, e nossas aplicações de suas propostas continuam evoluindo de maneiras diferentes. Ao mesmo tempo, e especialmente em face de um ambiente cada vez mais hostil aos estudos críticos deste gênero, nós nos beneficiamos enormemente da mútua atenção, do apoio e do incansável engajamento que acompanham os esforços coletivos.

Membros individuais do coletivo elaboraram seções do livro após seus principais argumentos terem sido estabelecidos em forma de projeto. Essas seções foram então editadas, revisadas e reescritas por várias mãos em um processo de múltiplas fases. O resultado poderia certamente ser denominado desigual e combinado – embora destacando, em vez de negar, os valores de solidariedade sobre os quais este trabalho se baseia.

Coletivo de Pesquisa de Warwick
(WReC – Warwick Research Collective)

LITERATURA-MUNDIAL NO CONTEXTO DO DESENVOLVIMENTO COMBINADO E DESIGUAL

O modo como imaginamos a literatura comparada
é um espelho de como vemos o mundo.

(Franco Moretti, 2003, p. 81)

Estes são tempos difíceis para os estudos literários. Atualmente, os desafios que confrontam a disciplina são numerosos e multiformes; eles variam desde o âmbito específico ao campo de estudo até o plano institucional, desde a universidade até as esferas mais amplas da política e da economia. Para além dos debates internos sobre a coerência e a sustentabilidade de formas estabelecidas de estudos literários disciplinares, podemos mencionar nessa relação a permanente subordinação da cultura, em geral, às leis do mercado,¹ o aparente declínio da importância, em termos relativos, da literatura em si como uma forma cultural² e o contínuo ataque à autonomia das humanidades – e, na verdade, à própria universidade sob sua aparência histórica de torre de marfim, um “mundo à parte”, para o mal ou para o bem – por parte dos regimes de governo, negócio e mídia, todos inclinados de

¹ Ver Huggan, 2001; Brouillette, 2007; Strongman, 2002; English, 2005; e Casanova, 2004, que possuem reflexões interessantes sobre a commodificação e a comercialização do prestígio literário.

² Ver Fredric Jameson: “Meu sentimento é que esta é essencialmente uma cultura visual, conectada pelo som – mas uma cultura na qual o elemento linguístico [...] é bambo e frouxo, e que não deve ser tornada interessante sem ingenuidade, ousadia e entusiástica motivação” (1995, p. 299).

maneiras distintas à incorporação, ao controle e à regulamentação instrumental definida.³

A sugestão de que os estudos literários estão em crise já foi feita antes, naturalmente. Desde 1981, por exemplo, Raymond Williams afirmava que os estudos literários anglófonos haviam tropeçado na incoerência – por um lado, porque a ideia de “literatura” já não fornecia mais uma base de estudo estável e evidente; por outro lado, porque as conotações de “anglófonos” eram profundamente

³ Jameson fala, assim, da “subsunção de campos e disciplinas inteiros à patronagem de negócios privados e, de certo modo, à assimilação ao trabalho pago dos pesquisadores comuns de tipo não acadêmico cuja obra é subsidiada por monopólios que estabelecem a agenda e muito provavelmente se beneficiarão com os resultados” (2008, p. 571). Ver, entre outros, Furedi, 2006; Maskell & Robinson, 2001; Miyoshi, 1998, 2000, 2005; Ohmann, 2003; Readings, 1996; Teeuwen & Hantke, 2007; e Watkins, 1989. Tendo em vista seu treinamento específico, estudiosos da literatura são inclinados a ver o *junk language* do gerencialismo (*junk language* é um termo de Jameson, em um contexto ligeiramente diferente) como um insulto adicional à injúria já causada por políticas direcionadas a subordinar as universidades às agendas de políticas sociais e nacionais contingentemente definidas, e sobre as quais os estudiosos da literatura são raramente ou nunca consultados: “incentivo”, “valor acrescentado”, “garantia de qualidade”, “competitividade em uma sociedade do conhecimento”, “atividades prospectivas”, “alvos de oportunidade” etc. No Reino Unido, o ambiente nacional em que nós mesmos trabalhamos, a Estrutura de Excelência da Pesquisa (REF, sigla em inglês para *Research Excellence Framework*) – um esquema hierarquizado, imposto pelo Estado, centralizado e massivamente burocrático –, da qual todos os departamentos de todas as universidades são obrigados a participar, é largamente vista como tendo efeitos deletérios no escopo, na ambição, na originalidade e na independência dos estudos nas humanidades, especialmente entre acadêmicos mais novos. Para comentários adicionais, ver Bailey & Freedman, 2011; Docherty, 2011; Holmwood, 2011; Molesworth; Scullion & Nixon, 2010; os ensaios de Gopal; Holmwood & Bhambra; Jarvis; e Power, que constituem o dossiê “Assaults on the British University System” em um número especial de 2012 da *South Atlantic Quarterly*; e produções recentes sobre este tópico por Collini, 2010, 2011, 2012, 2013; e Hotson, 2011.

problemáticas.⁴ Indagando se o termo “anglófonos” em “estudos literários anglófonos” identificava “a língua ou o país”, Williams escreveu que, “se é a língua, existem outros quinze séculos de escritos nativos em outras línguas: latim, galês, irlandês, inglês antigo, francês normando. Se não é a língua, e sim o país, considera-se somente a ‘Inglaterra’ ou também a Irlanda, o País de Gales, a Escócia, os Estados Unidos, os velhos e novos ‘Commonwealths’”? (1991a, p. 194).

Nos 30 anos após aquela “crise nos estudos anglófonos” centrada em Cambridge,⁵ argumentos sobre a instabilidade – de fato, na leitura de Williams, a estrita *inviabilidade* – da disciplina de estudos literários no geral têm sido debatidos com crescente ressonância. Estudiosos da área têm proposto que os modos reconhecidos de procedimento necessitam de uma reformulação radical. Hoje, por todo o lado os métodos institucionalizados e consolidados, as premissas e os princípios estruturantes e a coerência do objeto disciplinar de estudo em si estão sendo desafiados, abertos à reconsideração e, às vezes, ao escrutínio profundo e à crítica radical. Na literatura comparada, por exemplo, estão sendo debatidas as próprias questões sobre por que é relevante “comparar” textos

⁴ Ver também Peter Widdowson, escrevendo ao mesmo tempo e no mesmo contexto nacional que Williams: “A ‘crise’ nos estudos anglófonos [*English*] [...] não é mais um debate entre criticismos sobre qual ‘abordagem’ é a melhor. Tampouco é diretamente, ainda, uma questão de Departamentos de Inglês [*English Departments*] sendo fechados juntamente a outras áreas economicamente improdutivas (e ideologicamente frágeis) [...] Pelo contrário, é uma questão, posta por dentro, sobre o que é o inglês, onde ele chegou, se ele tem um futuro, se ele *deve* ter um futuro como uma disciplina discreta e, se deve, de que maneiras ele pode ser reconstituído” (1982, p. 7).

⁵ Citamos o debate de Cambridge como sintomático, e não primário: outras iniciativas contemporâneas relacionadas (sobretudo, talvez, o desenvolvimento do Centro de Estudos Culturais Contemporâneos sob a direção de Stuart Hall na Universidade de Birmingham) foram igualmente – e talvez ainda mais – relevantes.

literários e quais as possíveis implicações do ato comparativo num mundo que é cada vez mais transparente, plural e complexamente poliglota e – ao mesmo tempo, e de forma paradoxal – mais do que nunca profundamente dominado por uma única língua – o inglês. Nos estudos literários norte-americanos, de maneira similar, há uma proliferação de novas iniciativas destinadas a combater o isolacionismo e o centramento nacional da área, com o interesse de reconfigurá-la a partir de perspectivas sistêmicas (globais) e comparativas, em detrimento de visões excepcionalistas.⁶

Não é preciso ser um adepto de Bourdieu para saber que os acadêmicos são bastante inclinados a anunciar as áreas ou subáreas em que eles mesmos trabalham como moribundas ou em crise. A função estratégica desse gesto tradicional é pavimentar o caminho para que os envolvidos apresentem suas próprias intervenções como intrínsecas à natureza das mudanças decisivas, das reconstruções corretivas ou dos novos inícios. O objetivo é fazer barulho o suficiente para atrair atenção, pois o capital específico de um indivíduo em determinada área aumenta quando ele garante que sua tomada de posição está devidamente registrada nessa mesma área.

Nestes termos, um certo ceticismo programático pode representar uma saudável primeira reação ao tipo de trabalho, publicado sob títulos como *Death of a discipline* (Spivak, 2003), *Politics and value in English studies: A discipline in crisis?* (Guy & Small, 1993) e “Beyond discipline? Globalization and the future of English” (Jay, 2001), que acenam de maneira bastante apocalíptica a becos sem saída e a novos começos. Um desses céticos é Thomas

⁶ “A noção de excepcionalismo americano é de muitas maneiras a fundação da disciplina dos Estudos Norte-Americanos”, observa Michael Denning: “Sejam as respostas dadas em termos da mente americana, do personagem nacional, dos mitos e símbolos americanos, ou da cultura americana, a pergunta fundante da disciplina era ‘O que é Americano?’” (2004, p. 175). Ver também Dimock & Buell, 2007.